

Explicações ficam para mais tarde

Juliana Cézar Nunes e
Maria Vitória
Da equipe do **Correio**

O Ministério Público aceitou adiar o prazo para receber os documentos sobre os gastos com medicamentos no Distrito Federal. A Promotoria de Defesa da Saúde (ProSus) esperava ontem da Secretaria de Saúde os papéis que devem mostrar como, em apenas seis meses, acabou a verba anual para a compra de remédios entregues a hospitais públicos e pessoas carentes. São cerca de R\$ 62 milhões vindos do Ministério da Saúde e do Governo do Distrito Federal, conforme noticiou ontem o **Correio**. De acordo com o promotor responsável pelo ProSus, Jairo Bisol, uma reunião com representantes da Secretaria foi marcada para a próxima terça-feira. “A nossa intenção não é pressionar. Apenas queremos respostas para o gasto desse dinheiro, que não resolveu o problema do abastecimento irregular no DF”, diz Bisol.

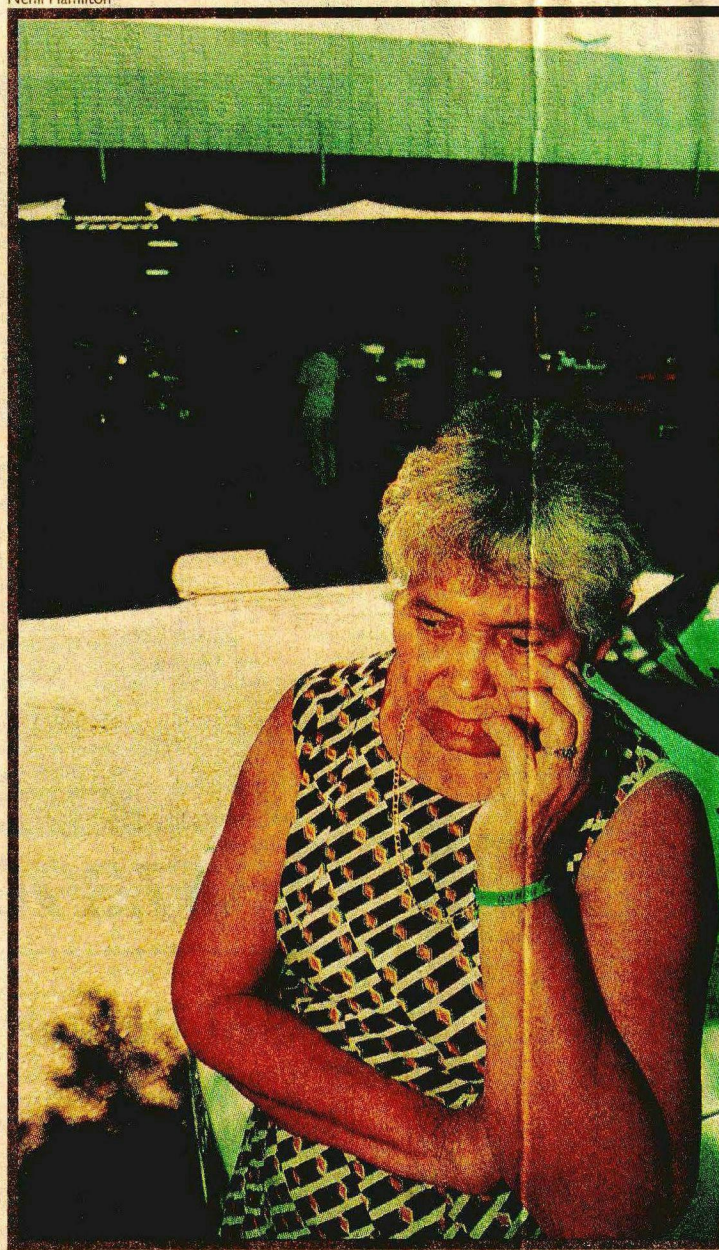
Desde novembro do ano passado, o ProSus, o Conselho Regional de Medicina e Conselho Regional de Farmácia investigam a falta de remédios no DF. Os pedidos são encaminhados corretamente, mas a compra não é efetuada por falta de ver-

bas. Segundo o secretário de Saúde, Paulo Kalume, o alto número de atendimentos e o aumento no preço dos remédios estão entre as causas do problema. Além disso, o pagamento de dívidas do ano passado (R\$ 3 milhões), teve de ser efetuado para garantir o abastecimento das farmácias públicas. “Até novembro, vamos receber verbas extras do Ministério da Saúde — cerca de R\$ 15 milhões — que devem ajudar muito”, garante Kalume. A Secretaria informou que o remédio Acetato de Glatiramer, para esclerose múltipla, até ontem em falta, já está sendo distribuído.

Mas, para o presidente do Conselho Regional de Medicina, Luiz Salinas, não há motivos para tranquilidade. “Queremos encontrar a principal causa do problema. Infelizmente, é provável que o orçamento — calculado pelo GDF e deputados distritais — seja insuficiente há muito tempo”, acredita Salinas. “De qualquer forma, a situação é assustadora. Não é possível que haja algum gasto mais importante. O medicamento é um produto de primeira necessidade para a população.”

A empregada doméstica Maria Edileuza Cardoso Souza, 35 anos, sabe o que significa não poder contar com uma assis-

Nehil Hamilton



ALVENIR TEM CÂNCER DE MAMA E GANHA R\$ 200 POR MÊS: SEM REMÉDIO

tência médica adequada. Ela sofre de câncer na mama direita, mas está sem tratamento quimioterápico por causa da falta de medicamentos para câncer na rede pública de saúde. Até hoje, Edileuza fez apenas duas sessões em abril e maio. Este mês, precisou inter-

romper a terapia pois não há o quimioterápico Adriamicina no Hospital de Base. “A informação é sempre a mesma: não tem remédio e não sabemos quando vai chegar. A saída é telefonar todos os dias”, disse Edileuza, ao sair desiludida ontem do setor de Oncologia do Hospital.

A decepção de cada dia

A costureira aposentada Alvenir Pinho da Cruz, 53 anos, também sofre de câncer de mama, mas o seu drama no momento é outro: não suporta mais as dores que a osteoporose provoca nas suas pernas. Precisa tomar o antiinflamatório Vioxx, em falta desde abril na Farmácia de Alto Custo do Hospital de Base. “Recebo uma pensão de R\$ 200 e não tenho dinheiro para comprar esses comprimidos”, reclama Alvenir antes de pegar o ônibus que a levará de volta para casa, em Ceilândia Sul. Cada caixa de Vioxx, com sete comprimidos, custa R\$ 16 nas farmácias. Ela precisa tomar um comprimido de 12 em 12 horas.

Os brasileiros que sofrem de males mais simples também perambulam pelos centro de saúde em busca de remédios. É o caso do aposentado Nelson Araújo Reis, 62 anos, que ontem foi buscar uma caixa de Amitriptilina, para controlar a sua depressão. Saiu sem nada. Nas farmácias, uma caixa com 20 cápsulas custa R\$ 10 e ele precisa tomar um todos os dias. “Esse mês já gastei R\$ 200 em remédios e deixei de comprar alimentos por causa disso”, reclama o aposentado. Ele, a mulher e dois filhos vivem graças à sua pensão, de R\$ 258.

Daniel de Souza, 65 anos, também está indignado com a falta de medicamentos na rede pública. Hipertensão e diabético, está há três meses sem os remédios Verapamil e Vasopril (Enalapril), que precisa tomar diariamente. Nas drogarias, as dois medicamentos custam em média R\$ 25. “Só recebo R\$ 300 por mês e não posso gastar com remédios.”